



## PROCESSOS DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DO GRUPO ESCOLAR D. PEDRO II DE NOVO HAMBURGO/RS (1930-1942)

DOI: 10.48075/ri.v25i1.29321

José Edimar de Souza<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo do estudo foi analisar o processo de implantação do grupo escolar no município de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil. Valendo-se de documentos acessados em acervos de diferentes arquivos buscou compreender os primeiros tempos de funcionamento da instituição entre as décadas de 1930 e 1940. A investigação orienta-se pelos pressupostos da História Cultural vale-se dos procedimentos analíticos documentais: escritos, orais e icnográficos. A institucionalização do ensino primário, por meio do ensino graduado, implicou compreender os impactos da implantação deste tipo de instituição, saberes e práticas que, contextualizadas, possibilitam inferir sobre as permanências e (des)continuidades em uma região de colonização germânica.

**Palavras-chave:** Instituições escolares; grupos escolares; processos de escolarização.

## INSTITUTIONALIZATION PROCESSES OF THE SCHOOL GROUP D. PEDRO II DE NOVO HAMBURGO/RS (1930-1942)

**ABSTRACT:** The aim of the study was to analyze the implementation process of the school group in the city of Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brazil. Using documents accessed in collections of different archives, it sought to understand the early days of the institution's functioning between the 1930s and 1940s. The investigation is guided by the assumptions of Cultural History, using documentary analytical procedures: written, oral and ichnographic. The institutionalization of primary education, through graduate education, implied understanding the impacts of the implementation of this type of institution, knowledge and practices that, contextualized, make it possible to infer about the permanence and (dis)continuities in a region of Germanic colonization.

**Keywords:** School institutions; school groups; schooling processes.

<sup>1</sup> Doutor em Educação. Professor e pesquisador nos Programas de Pós-Graduação em Educação e em História da Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, RS, Brasil. Pesquisador PqG/FAPERGS. Vice-líder do Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória (GRUPHEIM). E-mail: jesouza1@ucs.br

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A opção pela abordagem da História Cultural, conhecida, em um primeiro momento como “Nova História”<sup>2</sup> em contraste com a “antiga” considera aspectos da história das instituições e o contexto em que estão inseridas. A nova corrente historiográfica da História Cultural, ou seja, a Nova História Cultural se constituiu a partir da história francesa dos *Annales*, apresentando-se como uma abordagem para se pensar a ciência histórica, considerando a cultura como “[...] um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2004, p. 15).

Dessa forma, o passado que estudamos é uma construção. O exercício de escrita da História pressupõe a elaboração de um discurso sobre o passado, o historiador a faz como expectativa de resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos (HOBBSAWN, 2000). Nesse sentido, esta pesquisa compreende um estudo histórico de cunho analítico documental situado no campo da História da Educação. Investiga o processo de implantação dos grupos escolares<sup>3</sup> no município de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil. Valendo-se de memórias e documentos acessados em acervos de diferentes arquivos, buscou compreender os primeiros tempos de funcionamento da instituição entre as décadas de 1930 e 1940.

No que se refere ao conjunto de fontes organizadas para este trabalho, tendo como referência a perspectiva da análise documental histórica, ampliou-se análise com uso de fotografias, excertos de jornais e outros documentos institucionais como: decreto de criação, leis e atas. Destaca-se que além do arquivo da própria escola, recorreu-se ao Arquivo Público Municipal de Novo Hamburgo, ocasião em que se localizou mais evidências no jornal semanário *O 5 de Abril*, possibilitando a compreensão do cotidiano do município em estudo.

Nas últimas décadas, a temática de pesquisas locais/regionais tem motivado investigadores diferentes pesquisas, sobretudo, com ampliação dos programas de pós-graduação e multiplicação de linhas de pesquisas de fundamentos, formação e prática, bem

---

<sup>2</sup> Essa nova maneira de conceber a história está associada diretamente ao movimento dos “*Annales de 1929*”. Burke (1992) argumenta que muitas pessoas vinculam este movimento à Lucien Febvre e a Marc Bloch fundadores da revista *Annales*. Porém, não apenas à França, mas em toda Europa teóricos e estudiosos ousavam romper com o paradigma da história tradicional. De fato, na abordagem da “Nova História” a cultura é aspecto central na sua gênese. O imaginário, as representações e práticas são analisados como objetos culturalmente construídos ao longo do tempo.

<sup>3</sup> Os grupos escolares, também aparecem, de forma menos recorrente, em algumas tipologias como: escola modelo, escola central, escola graduada.

como de história e história das instituições. A dimensão regional representa uma possibilidade para ampliar as lentes teóricas diante de uma diversidade empírica de fontes documentais, orais, icnográficas preservada em arquivos públicos e em arquivos pessoais.

A região assume nesta pesquisa um horizonte de desenvolvimento e de estrutura portadora de uma identidade que se configura a partir de distintos contornos estabelecidos com um sistema global de relações. Uma vez que, como argumenta Reckziegel (2015, p.5), “a renovação do conceito de região implicou a noção de que o regional é menos um espaço físico e mais um conjunto de relações e articulações”, que se dão em âmbito particular do social e do cultural.

A dinâmica de trabalho na captura, organização e análise se entrecruza às relações interpessoais que adquirem sentidos singulares, pois ao mesmo tempo em que promovem um encontro geracional entre pesquisadores em diferentes estágios formativos e sujeitos entrevistados, a temática da história das instituições familiarizam os mesmos com os saberes da vida em comunidade. O resultado desse encontro, além de possibilitar ampliar o *locus* compreensivo das relações e das práticas em dimensão local, projetam e permitem traduzir a materialidade e os modos como se imbricam às redes mais amplas e complexas dos processos que envolvem determinados empreendimentos e situações organizacionais.

A história dos grupos escolares, dos processos de institucionalização e das práticas de escolarização se evidenciam como resultado desse estudo pioneiro sobre esse objeto de pesquisa. Além disso, procuram traduzir, pelo viés cultural os percursos iniciais e os primeiros tempos de funcionamento da organização do ensino primário elementar graduado distanciando-se do formato das escolas (aulas isoladas), conforme Souza (2015) e dos Colégios Elementares no nosso Estado, como enfatiza Grazziotin e Almeida (2016).

Como efeito da modernização pedagógica<sup>4</sup> instituída no Brasil, no início do século XX e com a pretensão de reorganizar o ensino elementar, no Rio Grande do Sul, a partir de 1909, são implantados os primeiros Colégios Elementares. Nesse sentido, a escolarização que aconteciam especialmente nas aulas isoladas, nas escolas étnicas e/ou paroquiais passou a contar com uma nova proposta de oferta de ensino. A partir de 1915, tais Colégios passaram

---

<sup>4</sup> Conforme Souza (2015), a pedagogia moderna instituída nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, procurou qualificar não só as práticas pedagógicas da antiga escola de ler, escrever e contar. Os efeitos dessa modernização procuraram reorganizar a escola, instituir o uso de novas metodologias, como o uso da intuição e de diferentes objetos da cultura escolar, bem como buscou-se a contratação de profissionais com formação específica na área, ampliando programas e constituindo novos projetos para preparação de professores.

a ser identificados como grupos escolares, mas sobretudo a partir da década de 1930 é que a forma de ensino impactou diferentes regiões do Estado.

A história das instituições educativas considera as relações internas e externas, os processos e organização, das permanências e (des)continuidades na sua configuração organiza, dos modelos pedagógicos, dos planos socioculturais e temporais. Perceber a escola a partir da sua criação e implantação, das relações com contexto, da sua evolução e dos saberes e culturas, dos percursos profissionais e acadêmicos estão no horizonte do nosso estudo. Nesse sentido, endossa Magalhães (2018, p. 42-43):

Na história das instituições educativas, há continuidades, dissemelhanças e rupturas, ainda que, como salientou Arnoud Clause, 'a autêntica relatividade da pedagogia situa-se muito mais ao nível das finalidades e das intenções que ao nível dos meios e dos processos' (Clause, 1976, p. 60). [...] O institucional educativo e as instituições educativas, tal como são analisadas aqui, apresentam uma materialidade, uma representação/funcionalidade, uma apropriação/ ideiação. São construção histórica. Comportando relatividade, assinalam o tempo longo e a perspectiva estrutural a que conferem substância e sentido. Deste modo, as instituições educativas tornam-se objecto de uma observação histórico-pedagógica de dimensão macro.

Os grupos escolares são percebidos pelas relações humanas, aprendizagem do viver com o outro e diante das tentativas de projetar nos alunos uma relação com o Estado, com um sentimento nacional e moderno de trabalho, de compreender os ritos e a influência que as instituições e a passagem pela escola formal podem produzir culturalmente na sociedade daquele período.

## **O GRUPO ESCOLAR D. PEDRO II – NOVO HAMBURGO, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL<sup>5</sup>**

A história dos grupos escolares se confunde com a história do ensino primário no Brasil. Os grupos escolares começaram a ser implantados no Estado de São Paulo, a partir de 1890, de acordo com Souza (1998). O contexto republicano contribui para a implantação destas instituições escolares, sobretudo a influência do positivismo científico brasileiro e a crença de que, pela educação pública, se alcançaria a manutenção e desenvolvimento da nova estrutura política nacional.

---

<sup>5</sup> Uma primeira versão dos resultados deste estudo pode ser conferida em Souza (2022), em artigo que compõe uma análise da implantação de diferentes grupos escolares nos municípios de Sapiranga, Novo Hamburgo e Campo Bom.

A base para este novo modelo<sup>6</sup>, mais complexo, racional e moderno de organização da escola situava-se, principalmente na experiência da escola norte-americana, embora a esse modelo de escola graduada<sup>7</sup> estivesse se difundindo, guardadas as particularidades em diferentes países do mundo, com a difusão do método intuitivo ou lições de coisas<sup>8</sup>. É fundamental destacar a figura do intelectual brasileiro Rui Barbosa que junto com outros intelectuais da elite brasileira consideravam necessário e ideal este modelo de educação para a população, a fim de que seria indispensável para construção de uma ideia de nação. (SOUZA, 1998).

Vidal (2006) acrescenta que os grupos escolares foram responsáveis por aglutinar em um mesmo edifício antigas escolas isoladas, organizando professores em séries que passavam a corresponder ao ano civil e eram concluídas pela aprovação ou retenção dos alunos em exames finais.

Essa nova organização produziu uma nova gramática<sup>9</sup> no cotidiano escolar, com a obrigatoriedade e o controle de frequência. Além da figura do diretor, oferecendo organicidade, novos ritos e símbolos foram associados a escola pública primária. Para Vidal (2006) a homogeneidade à escolarização também contribuiu para produzir uma nova hierarquia pública funcional, disseminando novos valores e normas sociais. Souza (1998) acrescenta que três fundamentos são indispensáveis nessa nova racionalidade empregada ao ensino primário: a classificação dos alunos, um plano de estudos e o emprego do tempo.

Os grupos escolares também aparecem em algumas tipologias como: escola modelo, escola central, escola graduada. Sabe-se que as escolas de formação de professores, com alteração dos regulamentos, também incluíam classes de aplicação, ou como referência de escolas para as demais tipologias. Especialmente, as escolas reunidas e as escolas isoladas, em

---

<sup>6</sup> Nesse sentido, representam uma nova fase da história da escolarização, mais autônomo e independente, como argumenta Faria Filho (1996). Esse tipo de organização do ensino procurou substituir as antigas escolas isoladas ou multisseriadas que existiam no país desde o Império, como já foi referido anteriormente.

<sup>7</sup> Souza (1998) indica que seria aquela escola orientada por um sistema vertical de ensino, com cursos e níveis que se sucedem. Dentre as características está: o agrupamento de alunos classificados por critério de nivelamento; professores designados para cada grau de ensino; equivalência entre um ano escolar do aluno e um ano de progresso instrutivo; determinação prévia dos conteúdos das diferentes matérias para cada grau; promoção rígida e inflexível dos alunos grau a grau, entre outros.

<sup>8</sup> O método intuitivo ou lição de coisas que se disseminou no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, baseava-se nos princípios teóricos de Pestalozzi e Froebel e cuja influência avança as primeiras décadas do século XX. Este método era entendido como um eficiente instrumento pedagógico para formar alunos com domínio suficiente em leitura, escrita e noções de cálculos e se alcançar a modernização pedagógica. (SOUZA, 2015).

<sup>9</sup> Para Augustin Escolano Benito (2017) a cultura empírica produzida no cotidiano da escola, pelas práticas, pela experiência em si possibilitou conhecer a “caixa-preta da escola”. Nesse sentido, tornou possível compreender, a partir da análise do que ali ocorre, se uma política ou teoria acadêmica é efetiva ou não.

maior número em todo país, tinham nos métodos de ensino e na figura docente representações daquilo que foi durante muito tempo, associado com a modernização pedagógica.

Uma instituição escolar é constituída por paredes, muros, dentre diferentes espaços, tem um mobiliário, objetos utilizados como materiais para professores e alunos. No entanto, compreendemos que é também lugar de práticas, de rituais, de que existe uma organização de tempos e espaços apropriados pelos sujeitos que ali estiveram em um determinado período histórico na relação com o entorno da instituição. Magalhães (2010), analisando a realidade portuguesa, nos chama atenção para a potencialidade da correlação local - regional no estudo das instituições educativas. Nesse sentido, reconhecendo a perspectiva de renovação, interação social “sujeito-realidade”, ampliando fontes arquivísticas e conferindo sentido aos testemunhos abordados no contexto em emergem.

Em Novo Hamburgo, a história da educação está associada à presença dos imigrantes alemães na região, a partir de 1826. Nesse sentido, o ensino primário, no município, passou a atender sua comunidade, a partir de 1832, quando foi construído o prédio escolar em que também funcionava a igreja. Esta primeira escola do município atualmente chama-se Pindorama, sendo uma das unidades da Instituição Evangélica. Na época, a escola era vinculada à Igreja Evangélica Três Reis Magos. Em 1859, o professor Carlos Lanzer assumiu a direção da Escola Evangélica em Hamburgo Velho.

Os imigrantes alemães instituíram as escolas comunitárias em diferentes localidades e, além do ensino doméstico, realizado pelos familiares, utilizando a ardósia – pedra pra riscar as primeiras letras – foi com a implantação das primeiras cadeiras de ensino primário que uma rede de ensino público começou a ser construída em nossa região. Novo Hamburgo é um município do Vale dos Sinos, situado no estado do Rio Grande do Sul e localizado na Região Metropolitana de Porto Alegre, situadas a aproximadamente 50 km da capital do Estado. Na história do seu processo de emancipação, a localidade está vinculada a São Leopoldo. O primeiro distrito a se emancipar fora Novo Hamburgo, em 5 de abril de 1927, processo que motivou e originou iniciativas para que os municípios vizinhos se emancipassem nas décadas seguintes.

Do conjunto dos distritos da antiga Colônia, Novo Hamburgo foi pioneira no processo emancipacionista. Isto se deve ao fato, de que desde o final do século XIX existia um próspero crescimento artesanal e industrial. Este episódio se caracteriza como um dos mais importantes

para a história das Câmaras municipais do Rio Grande do Sul, considerando o enfrentamento feito pelo poder legislativo de São Leopoldo, ao “poderoso Borges de Medeiros”, que havia se posicionado favorável à petição realizada pela frente emancipacionista de Novo Hamburgo, liderada por Pedro Adams Filho (GERTZ, 2006).

No caso do Rio Grande do Sul, Bastos (2005) argumenta que na década de 1930, a escola assumiu um caráter estratégico na obra da reconstrução nacional. Como política social, a escola seria a instituição legítima para imprimir na sociedade “certa unidade de pensamento”. O nacionalismo estava presente nas discussões, debates e realizações do governo Estadual desde o início do século XX, visível, por exemplo, nas subvenções escolares que contribuem para este projeto de governo. Além disso, entre 1930 e 1945, ocorreu um crescimento do número de escolas públicas, ora pelo aspecto da subvenção, em função do processo de nacionalização do ensino, como já foi referido anteriormente, ora pela criação de novas instituições de ensino. Além disso, outras ações que envolveram a instância educativa contribuíram para qualificar o ensino público gaúcho.

Embora a presença das escolas isoladas tenha figurado ao lado das escolas paroquiais e dos colégios étnicos é na década de 1930, que se percebe de forma mais estruturada a edificação e institucionalização dos grupos escolares. O ensino público primário começa a se efetivar nestas localidades em 14 de julho de 1930, com a criação do grupo escolar de Novo Hamburgo, posteriormente identificado como D. Pedro II.

O grupo escolar inicialmente fora instalado na Rua 1º de março, n. 42, “instalado de forma precária, em um prédio de madeira, que anteriormente era uma fábrica de banha”, como relata Gastão Spohr (1965[?])<sup>10</sup> em suas reminiscências. Em matéria publicada no Jornal O 5 de abril de 1935, indica que na sua criação havia 7 professores para 170 alunos. E em 1935 havia se ultrapassado a marca de 400 alunos e 11 professores.<sup>11</sup> E a denominação “Pedro II”

---

<sup>10</sup> SPOHR, Gastão. Reminiscências. Acervo do Colégio 25 de Julho, folhas avulsas. Arquivo. Geral 1990. 2 folhas datilografadas 1965[?]. O primeiro aluguel teria sido de quatrocentos mil réis aos proprietários irmãos Albino e Ervino Schmitt.

<sup>11</sup> No grupo escolar, os 400 alunos eram atendidos da seguinte maneira: “4 secções de analfabetos dirigidas pelas professoras Izabel Tschiedel, Elvira Brandi, Frederica Pacheco e Honorina L. Nunes; 2 primeiros anos, dirigidos pelos prof. João Pereira da Rosa e Dionéa Macalão; 2 segundos anos dirigidas pelas prof. Christiana Haag e Dora Santiago; um 3º e 4º ano dirigidos pelo diretor Jardelino Petersen e finalmente os 6º e 7º anos dirigidos pela professora Nair Becker. A instrução physica é ministrada pelas prof. Nair Becker e Dionéa Macalão; a instrucção religiosa (Catholica) é, feita semanalmente e com grande devotamento pelo snr. Vigário Schimoeller [...]” (O 5 de abril, 1935). Nesse mesmo ano, cabe destacar que havia duas bibliotecas na instituição. Atuando como bibliotecárias as professoras Elvira Brandi e Zozina Soares. “Foram creadas 2 bibliothecas, uma infantil, para as secções mais adiantadas, com um numero de 200 obras, entre ellas o conhecido Thesouro da Juventude e a pedagógica e didática para consulta dos srs. Professores, num total de 80 volumes, entre eles o Diccionario [Ideação](#). Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde. v. 25, nº1, 2023. e-ISSN: 1982-3010.

foi atribuída apenas em 1933 e em 1942 é construído o novo prédio<sup>12</sup>, instalado na Rua Borges de Medeiros, como se identifica nas imagens das figuras 1 (matéria do jornal O 5 de abril da época) e figura 2, produzida pela professora Beatriz Fischer, na década de 1990. Entre os primeiros docentes, cita-se Elvira Brandi Grin, uma educadora de referência na região, especialmente em Novo Hamburgo. O primeiro diretor foi o professor Jardelino Petersen<sup>13</sup>.

Figura 1 - Novo edifício do Grupo Escolar D. Pedro II (1942)



Fonte: Jornal O 5 de Abril (1942).

Figura 2 - Colégio Estadual 25 de Julho, de Novo Hamburgo (1995)

---

Internacional e Enciclopédia. (Tratando-se de uma pesquisa histórica, optou-se em manter a grafia original das fontes documentais).

<sup>12</sup> A empresa contratada para construção do novo prédio foi Haessler & Woebcke LT, e ficou pronto em 2 de dezembro de 1941.

<sup>13</sup> De acordo com Spohr, Jardelino Petersen era natural de Taquara e permaneceu como diretor do educandário até 1937, quando foi substituído pela professora Nair Maria Becker. Jardelino, posteriormente foi removido para a Coletoria Estadual, onde se aposentou como funcionário público.

Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde. v. 25, n°1, 2023. e-ISSN: 1982-3010.





Fonte: Arquivo pessoal de Beatriz Fischer.

Distante de realizar aqui uma genealogia sobre a história institucional<sup>14</sup>, destaca-se que em 31 de julho de 1954 foi criado o curso Ginásial, em 1959, a instituição transforma-se em Colégio Estadual 25 de Julho e em 1966<sup>15</sup> foi criada a escola normal. Em 1978 - criou-se a Escola Estadual de 1º e 2º graus 25 de julho, atualmente identificada como Colégio Estadual 25 de Julho.

A proposta pedagógica, a figura do diretor, a estrutura arquitetônica, bem como a cultura escolar instituída com os grupos escolares apresentam-se como uma propaganda de modernização do ensino até então desenvolvidos nestas regiões. A possibilidade da seriação, a presença de um diretor acompanhando e supervisionando o trabalho docente, também agregam nesta perspectiva a qualidade pedagógica e formativa. Ao analisar os documentos percebe-se que havia uma expectativa ainda sob influência do próprio positivismo de que esta escola poderia contribuir para manutenção do regime republicano.

---

<sup>14</sup> Conforme consta em matéria publicada desde 1935 no jornal O 5 de abril, o elevado número de alunos do grupo escolar e as diferentes instituições que funcionavam no mesmo: caixa escolar, biblioteca e inúmeras campanhas pela alfabetização (considerando a particularidade de se ensinar a língua pátria), as iniciativas para ajudar as famílias carentes, a intenção de elevar o grupo escolar à categoria de Colégio Elementar. Em 1936, na edição de 5 de junho de 1936, publica-se diferentes manifestações de setores da sociedade, dentre eles do prefeito municipal, da Associação Hamburguesa de Esportes Atléticos (AHEA). Destaco a passagem do Diretor da Instrução pública do Estado, Affonso Guerreiro Lima "A elevação desse Grupo a Colégio Elementar é, sem dúvida, um acto de inteira justiça, em vista do grau de prosperidade a que attingio pelo esforço e competência de todos os que nelle trabalham. Entretanto, como a instrução publica, por força da reforma constitucional, está em pleno período de remodelação, torna-se necessário aguardar a elaboração do Código da Educação, que regulará o assumpto e concretizará a justa aspeiração dessa localidade e de outras do Estado".

<sup>15</sup> Pelo Decreto n. 17865, de 15 de abril de 1966, criou Curso Normal de grau colegial, transformou grupo escolar em Escola normal, transformou o Curso primário em Curso de Aplicação.

Em Novo Hamburgo, o grupo escolar, as professoras estaduais durante muito tempo foram referência no processo de formação dos professores, sobretudo para as professoras de escolas isoladas, como identificado em outro estudo, Souza (2015). Além disso, muitos docentes da instituição ocuparam cargos de gestão em diferentes situações da história da educação do município. Como é o caso da professora Nair Becker, que fora Delegada de Ensino ou ainda como Suely Glória Fontana Copetti que exerceu atividades na Secretaria Municipal da Educação e atuou ainda no processo de implantação do Ensino Superior, com a criação da FEEVELE.

O grupo escolar representava o espaço culminante das ações sociais no âmbito educacional, mobilizando e envolvendo a comunidade em diferentes projetos, não apenas cognitivos. Ainda em relação à formação, como se identifica no excerto abaixo, a escola promoveu em 1931, a Semana da Educação, promovida pela Associação Brasileira de Educação, com uma programação que envolvia participação de professores das escolas estaduais, das subvencionadas e rurais, bem como das escolas municipais.

#### GRUPO ESCOLAR

Foi installada, no dia 13 deste mez no Grupo Escolar desta Villa a Semana da Educação, patrocinado pela Associação Brasileira de Educação, sediada no Rio de Janeiro.

Para que se revistisse de maior interesse, as discussões do programa elaborado, foi convidado especialmente para comparecer às sessões, o **Sr. Cel. Prefeito** e demais autoridades, bem como algumas **pessoas gradas**.

#### **Programma das conferencias:**

Dia 13, dissertação a cargo do Director do Grupo, Sr. Jardelino Petersen.

Thema: "A emancipação mental do Brasil; problemas sociaes e políticos correlacionados com a **educação popular**, especialmente pelo ensino agrícola".

Dia 14, a cargo da professora Srta. Zozina Ferreira Soares.

Thema: "A escola regional nos seus aspectos: urbana, rural, marítima e fluvial. A prosperidade nacional pela educação no trabalho apropriado às diversas zonas do paiz".

Dia 15, a cargo do professor João Pereira da Rosa. (O 5 de Abril, 15/05/1931, p.2).

Thema: "A escola marítima e fluvial e os seus cursos de pesca. Apparelhamento necessário a esses estabelecimentos de educação e futuro immenso dessa industria".

Dia 16, a cargo da professora d. Frederica Schütz Pacheco

Thema: "A educação rural. O problema brasileiro e a sua economia".

Dia 18, (Dia da Boa Vontade) a cargo da professora Srta. Christiana Haag.

Thema: "A educação dos adultos. Importancia do ensino e methodos especificos relativos aos meios urbanos e ruraes.

Dia 20, a cargo da professora d. Elvira Brandi Grin.

Entre as décadas de 1930 e 1940, a visão de uma pedagogia da Escola Nova perpassa práticas de diferentes escolas no Estado, identifica-se que atividades com cartazes, ilustrações, com esquemas explicativos constituíam uma estratégia didática sob a égide da

intuição e da contextualização dos saberes no desenvolvimento da aprendizagem, bem como de forte cunho nacionalista e que se evidencia nos programas de formação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolarização das crianças e dos jovens se consagrou entre o final do século XIX e início do século XX a partir de diferentes finalidades, instituições e projetos culturais que circunscreveram os modos, como a escola primária foi organizada. A disseminação de ideias positivistas; a influência de modelos de modernização; a valorização de um determinado tipo de grupo social e de uma cultura escolar foram práticas que contribuíram para o desenvolvimento dos processos de escolarização da população brasileira.

O investimento no setor educacional repercutiu na forma de escola implantada e/ou adaptada entre as décadas de 1930 a 1940, ou seja, o grupo escolar. Investigar os grupos escolares no Rio Grande do Sul, sobretudo, na primeira metade do século XX, pressupõem reconhecer suas relações com as escolas complementares e os colégios distritais, projetados no final do século XIX e implantados a partir de 1901. A criação das escolas não corresponde ao provimento imediato de docentes, embora, as escolas reunidas (fase transitória para os grupos escolares) tenham representado uma facilidade neste quesito. Nesse sentido, com a supressão das Escolas Complementares, a partir de 1909, o ensino graduado se institui no Estado com a implantação dos Colégios Elementares.

O modelo dos Grupos escolares influenciou concomitantemente na concepção arquitetônica da escola, bem como na composição material da escola, adotando outro tipo de mobília escolar e vasto material didático. Apesar de extintos na década de 1970 o formato dos grupos escolares foi de extrema importância na educação primária no Brasil, permanecendo vivo na memória daqueles que fizeram parte desta história, como alunos, professores e gestores. A passagem pela instituição marca significativamente as trajetórias dos sujeitos, envolvendo a comunidade escolar com celebrações, implantando bibliotecas, caixa escolar, constituindo um rito e uma cultura escolar comprometida com uma concepção de cidadania. Mesmo que a escola pública primária dessa primeira metade do século XX não tenha beneficiado todos os estudantes, a sua presença desempenhou um reconhecido papel na formação do caráter e forjou nesse grupo específico de estudantes uma identidade regional e nacional associada ao sentimento pátrio.

## REFERÊNCIAS

- ALMANACK ESCOLAR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Diretoria Geral da Instrução Pública. Edição Oficial. 1935. Livraria Selbach: Porto Alegre.
- BASTOS, M. H. C. *A revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942)*. O Novo e o Nacional em revista. Pelotas: Seiva, 2005.
- BURKE, P. (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- ESCOLANO BENITO, Agustín. *A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia*. Tradução de Heloísa Helena Pimenta Rocha e Vera Lucia Gaspar da Silva. Campinas: Alínea, 2017.
- FARIA FILHO, L. M. *Dos Pardieiros aos Palácios: forma e cultura escolares em Belo Horizonte (1906 – 1918)*. São Paulo, Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1996.
- GERTZ, R. Apresentação. A câmara de vereadores de São Leopoldo de 1846 a 1937. In: SILVA, H. R. K.; HARRES, M. M. *A história da Câmara na história*. São Leopoldo: Oikos, 2006, p. 56-71.
- GRAZZIOTIN, L. S. S.; ALMEIDA, D. B. *Colégios Elementares e Grupos Escolares no Rio Grande do Sul*. Memórias e cultura escolar. Séculos XIX e XX. São Leopoldo: Oikos, 2016.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MAGALHÃES, J. A instituição educativa na modernização do local. Perspectiva histórico-pedagógica. *Rivista di storia dell'educazione*, n.1, 2018, p. 41-55.
- MAGALHÃES, J. *Da cadeira ao banco: escola e modernização (séculos XVIII-XX)*. Lisboa: EDUCA-Unidade I&D de Ciências da Educação, 2010.
- O 5 de Abril*. Jornal. Grupo Escolar. 15 de maio de 1931, ano V, n. 3, Novo Hamburgo, p. 2.
- O 5 de Abril*. Jornal. Grupo Escolar Pedro II. Pleitea-se a sua elevação à categoria de Collegio Elementar. 5 de junho de 1936, ano X, n. 8, Novo Hamburgo, p. 2.
- O 5 de Abril*. Jornal. Grupo Escola Pedro II. 15 de julho de 1935, ano IX, n. 3, Novo Hamburgo, p. 2.
- PESAVENTO, Sandra Jathay. *História & História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- RECKZIEGEL, A. L. S. Apresentação. In: HEINSFELD, A. et al. (Orgs.). *Fazendo história regional. Política e cultura*. V. 1. Méritos, 2015. p. 5-8.
- SOUZA, R. F. *Templos de Civilização: a implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1889–1910)*. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

SOUZA, J. E. *As Escolas Isoladas: práticas e culturas escolares no meio rural de Lomba Grande – RS (1940 a 1952)*. 2015. 292 f. Tese (Doutorado em Educação) – Unisinos, São Leopoldo, RS, 2015.

SOUZA, J. E. *Grupos escolares no Rio Grande do Sul: escolarização primária em perspectiva regional no século XX*. 2. ed.; E-book. São Leopoldo: Oikos, 2022.

SPOHR, G. *Reminiscências*. 1965[?]. Acervo do Colégio 25 de Julho, folhas avulsas. Arquivo. Geral 1990. 2 folhas datilografadas.

VIDAL, D. G. Tecendo história (e recriando memória) da escola primária e da infância no Brasil: os grupos escolares em foco. In: VIDAL, D. G. *Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006, p. 3-14.

Recebido em 05 de junho de 2022.

Aprovado em 18 de novembro de 2022.

